

COLAGENS, PALAVRAS E SILÊNCIO: REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM @RELIQUIA.RUM

Bianca Martins Peter¹⁶⁶ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O tema deste trabalho é a página de Instagram @reliquia.rum, um projeto realizado pela antropóloga Debora Diniz e pelo artista plástico Ramon Navarro, com a intenção de homenagear mulheres que morreram de COVID-19. O projeto consistiu na publicação diária de uma colagem e de um texto-legenda homenageando uma mulher vitimada pela pandemia, o que se realizou entre 23 de março (morte da primeira mulher vítima no Rio de Janeiro) e 2 de novembro (Dia de Finados). As colagens de Navarro foram confeccionadas a partir da imagem de uma mulher com trajes antigos, em montagens surrealistas, ao passo que os textos de Diniz convocam a humanização das estatísticas. Entretanto, as postagens mantêm o anonimato das vítimas, o que gerou questionamentos dos usuários. A partir dessas questões, este trabalho teve como objetivo refletir sobre a representação da mulher em @reliquia.rum e sobre o silenciamento que atravessou essas postagens, por meio do aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso e do trabalho de Eni Orlandi (2007a) sobre o silêncio. Foram analisados os textos de Debora Diniz e algumas interações realizadas nos comentários, de maneira a observar a política do silêncio (ORLANDI, 2007a) tornada explícita pelas publicações. Como resultado, foi possível interpretar um empenho de @reliquia.rum em relacionar a morte na pandemia e a condição feminina de subalternidade, e o faz por meio do silenciamento, da ocultação dos nomes e das imagens “reais”. Como efeito dessa abordagem, os comentários das postagens expressaram questionamentos e reflexões, próprios do sentido deslizante (ORLANDI, 2007a) do silêncio.

Palavras-chave: Debora Diniz. Análise de Discurso. Silêncio. Feminismo.

Abstract:

The theme of this work is the Instagram page @reliquia.rum, a project carried out by anthropologist Debora Diniz and artist Ramon Navarro, with the intention of honoring women who died of COVID-19. The project consisted of the daily publication of a collage and a caption text honoring a woman victimized by the pandemic, which took place between March 23 (death of the first victim in Rio de Janeiro) and November 2 (Day of the Dead). Navarro's collages were made from the image of a woman in ancient costumes, in surrealistic montages, while Diniz's texts call for the humanization of statistics. However, the postings maintain the victims' anonymity, which generated questions from users. Based on these questions, this work aimed to reflect on the representation of women in @reliquia.rum and on the silencing that went through these posts, through the theoretical-methodological contribution of Discourse Analysis and the work of Eni Orlandi (2007) about silence. Debora Diniz's texts and some interactions carried out in the comments were analyzed, in order to observe the politics of silence (ORLANDI, 2007) made explicit by the publications. As a result, it was possible to interpret @reliquia.rum's commitment to relate death in the pandemic and the female condition of subordination, and it does so by silencing, hiding names and “real” images. As an effect of this approach, the comments of the posts expressed questions and reflections, typical of the sliding sense (ORLANDI, 2007) of silence.

Keywords: Debora Diniz. Discourse Analysis. Silence. Feminism.

¹⁶⁶Licenciada em Letras (Português e Inglês) pela Universidade de Taubaté e em Pedagogia pela mesma instituição. Mestranda em Divulgação Científica e Cultural (Unicamp). Colabora com o site sobre cultura NotaTerapia. E-mail: biancamapeter@gmail.com.

Introdução

O trabalho que aqui se apresenta pretende discutir as representações da mulher na página do Instagram @reliquia.rum, idealizada pela antropóloga e ativista dos Direitos Humanos Debora Diniz. Trata-se de uma iniciativa que surgiu logo no início da pandemia no Brasil, e que se dispôs a, diariamente, homenagear mulheres que morreram em decorrência da COVID-19 no país, e que foi desenvolvida até 2 de novembro 2020, Dia de Finados.

De forma regular, as imagens de Navarro são composições feitas a partir de fotografias, gravuras ou pinturas de mulheres, majoritariamente trajadas à moda europeia dos séculos passados – salvos os casos de mulheres indígenas ou negras, que contavam com trajes e adornos étnicos. Como colagens, essas imagens são complementadas com elementos surrealistas, em animais e objetos que se transformam em símbolos, e proporcionam uma representação outra à mulher homenageada – seja idosa, adulta, adolescente ou criança. Como legenda das imagens, um texto de Debora Diniz descreve as condições da mulher retratada, apontando dados biográficos e preservando o anonimato das vítimas. Esse gesto proporcionou discussões nos comentários sobre o porquê de se manter o anonimato e ocultar a imagem real das vítimas. Por isso, a interpretação aqui é guiada por essas questões: Por que mulheres? Por que colagens? Por que o silenciamento – interrogado pelos textos e, ao mesmo tempo, preservado por eles?

Para realizar o empreendimento de pensar essas representações, baseio-me no aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (doravante AD) de filiação francesa, mais especificamente nos estudos de Eni Orlandi (2001, 2007a, 2007b) sobre o discurso, na esteira da teoria pecheutiana.

A partir dessas bases, o empreendimento dessa pesquisa é descrever de que maneira as postagens de @reliquia.rum produzem sentidos, e não apontar os seus conteúdos. Isso é ainda mais relevante de se pontuar à medida que os textos de Debora Diniz e as colagens de Ramon Navarro possuem como regularidade a questão do silêncio (ou, ainda, silenciamento): a mulher tornada anônima, destituída de história, pelas estatísticas da pandemia, pela enumeração de comorbidades nas notícias e obituários.

Levando em consideração, pois, a postulação de Orlandi (2007a, p. 15) de que [...] não estamos nas palavras para falar delas, ou de seus ‘conteúdos’, mas para falar com elas”, esse trabalho tem como objetivos: 1) geral: tecer reflexões sobre as representações do sujeito mulher no projeto @reliquia.rum; 2) específico: apontar os efeitos de sentido do silêncio que é interpelado pelas postagens. Assim, serão descritos os sentidos gerais que a página evoca,

seguido da delimitação do dispositivo de interpretação, e da análise mais direta de algumas postagens e comentários.

1. A proposta de @reliquia.rum

Como mencionado, @reliquia.rum é uma página do Instagram, uma rede social de compartilhamento de imagens, e é gerida pela antropóloga, pesquisadora de bioética, professora universitária, documentarista e ativista dos direitos humanos Debora Diniz, que estampa a imagem de perfil e o nome da página.

O nome de usuário @reliquia.rum é o coletivo, em latim, da palavra relíquia (*reliquiarum*). Relíquias são, tradicionalmente, restos (*reliquiae* em latim) de corpos santificados e que se tornam objetos de veneração. Na biografia da página, lê-se: “Relicários são memórias, aquilo que guardamos. Aqui são relicários de uma epidemia no Brasil”. Na liturgia católica, os relicários são os objetos que guardam as relíquias, e portanto são sagrados. Apesar dessa tradição sacra, o sentido de relicário se atribui já a colares relicários, objetos pessoais que guardam imagens de pessoas queridas.

As colagens de @reliquia.rum fazem remissão a um tempo passado em muitos de seus detalhes: as mulheres, quando não estão trajadas com vestes de ofícios específicos – freiras, enfermeiras –, ou com adereços étnicos, usam vestidos longos, na moda dos séculos XIX e XX, usam acessórios e penteados que não fazem mais parte do cotidiano da maioria das mulheres. Além disso, é possível perceber que algumas imagens estão em preto e branco e foram colorizadas digitalmente, dentre outros gestos da colagem. O próprio colar relicário se popularizou no Reino Unido durante a era vitoriana. De uma maneira geral, o “álbum de memórias” que se forma a partir da ordenação dessas várias colagens num perfil de Instagram, localiza as mulheres das colagens num século anterior, ao mesmo tempo em que ilustra as mulheres que, no século XXI, foram mortas devido à pandemia da COVID-19.

Na segunda publicação do perfil (a primeira já é uma homenagem, aos moldes da maioria das postagens), feita no dia 23 de março, Diniz apresenta a proposta da página. No texto-legenda é dito:

O luto é uma experiência íntima, mas também pública. Por isso, o luto é sempre político.

Seremos muitos a morrer nesta epidemia. Ramon e eu queremos que cada pessoa morta seja mais do que um número. Queremos que a tragédia da perda seja parte de nossa memória coletiva.

Ouviremos histórias e delas seguiremos o fio das palavras e imagens para a memória. Tentaremos publicar uma história por dia. Não será um obituário,

pois não conhecemos as pessoas. Seguiremos os anônimos mortos pela epidemia.

Queremos deixar rastros de lembranças pelo que a morte deixou nas notícias. Falaremos de gente comum. Os famosos terão seus obituários estampados nos jornais.

Começaremos hoje com a primeira mulher que morreu no Rio de Janeiro. (RELIQUIA.RUM, n. p., 2020).

A mencionada primeira mulher que morreu no Rio de Janeiro (devido à COVID-19) dá corpo à primeira publicação de @reliquia.rum, datada também de 23 de março de 2020, em homenagem à primeira mulher morta pelo coronavírus no Rio de Janeiro. À época, o nome da mulher não tinha sido revelado pelos meios de comunicação, apenas as informações que concerniam à doença: era uma empregada doméstica de 63 anos, que contraiu o vírus de sua patroa, residente do Alto Leblon – esta havia acabado de voltar da Itália, o país que registrava o maior número de mortos pela COVID-19. Veio a óbito no dia 17 de março. A vítima apresentava comorbidades como diabetes, hipertensão e obesidade, e não teve sua identidade revelada para evitar retaliações (MELO, 2020). A publicação de @reliquia.rum foi esta:

Figura 1 – Publicação de 23 de março de 2020



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/B-GACxAB0EY/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2021.

Como visto na postagem acima, e que é uma constante nas demais, as colagens e os textos de Navarro e Diniz tornam explícitos os abismos sociais que atravessam as mortes dessas mulheres. O acontecimento da morte da empregada doméstica em 17 de março, mais tarde identificada como Cleonice Gonçalves, não se deu em circunstâncias específicas e isoladas, mas em condições próprias de um país em que o serviço doméstico é realizado de forma irregular e por mulheres mais pobres, em sua maioria negras. A pandemia de COVID-19 vem

escancarando as determinantes sociais, econômicas, raciais e de gênero da contaminação do vírus Sars-CoV-2.

Dessa forma, a proposta de Diniz de conceber o luto como uma experiência “íntima” e “pública”, e por isso política, intenta aproximar os sentidos do individual e do coletivo; uma vez que a morte da “primeira mulher” do Rio de Janeiro é simbólica num país com memória colonial como o Brasil. A afirmativa de que “A primeira mulher a morrer no Rio de Janeiro é sem nome”, quando se fala de uma mulher, negra, e empregada doméstica, recorre a um tempo em que ter um “nome” estava reservado ao corpo branco não-escravizado. Devido a isso, o silenciamento do nome de Cleonice Gonçalves, mesmo que ocorrido para evitar retaliações aos familiares, no texto de Diniz aponta para um silenciamento localizado e histórico. Nas últimas colocações, Diniz opõe aquilo que é individual (“Deixou filhos”) e o que é coletivo (“Deixou em nós a cicatriz do que faz a herança colonial neste país”), sentidos que atravessam a condição da mulher negra e, ainda, a condição do sujeito diante de um vírus altamente transmissível.

2. Descrição do dispositivo analítico-interpretativo

Tendo como orientação a análise de discurso de filiação francesa (pecheutiana), é necessário pontuar que o discurso, objeto de estudo da Análise de Discurso (doravante AD), não é a língua em si, compreendida como um sistema fechado, mas os efeitos de sentido entre locutores (PÊCHEUX, 2014a [1969]). Uma vez que se leva em conta que a língua não é transparente, os efeitos de sentido de um texto são dispersos e significam de acordo com a formação ideológica dos interlocutores, e não numa relação de literalidade entre a palavra e o seu significado (PÊCHEUX, 2014b [1975]).

Assim, o sujeito pela Análise de Discurso constitui-se nas forças da ideologia e do inconsciente, sendo um sujeito descentrado, e o enunciado, portanto, não possui um significado imanente, uma “mensagem” coerente e unívoca. Para a AD, o texto mantém uma relação constitutiva com exterioridade, e com ela, nas palavras de Orlandi (2001), “[...] procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2001, p. 15).

2.1 Silêncio e silenciamento

Como a questão do silenciamento (do nome, da história), o qual atravessa o falar sobre mulheres mortas na pandemia, se coloca nos textos de Debora Diniz de forma basilar (“Ramon

e eu queremos que cada pessoa morta seja mais do que um número”), propõe-se a pensar o silêncio discursivamente.

Na obra *As formas do silêncio*, Eni Orlandi (2007a [1992]) trabalha a especificidade do silêncio na constituição dos sentidos, de modo a demonstrar o silêncio como materialidade significativa, propondo um deslocamento da noção de que o não verbal é apenas “margem” na produção de sentidos. Nessa obra, Orlandi (2007a) desenvolve o silêncio como fundante na prática da linguagem, como condição da significação. A partir disso, propõe uma perspectiva discursiva para o trabalho com o silêncio, que atente aos efeitos de sentido, e aos seus movimentos. Desse modo, para não descaracterizá-lo, Orlandi (2007a) pontua o silêncio deve ser observado

[...] *indiretamente*. Mais do que “marcas” (paradigma da demonstração), temos “pistas” (conjecturas). Para analisar o silêncio é assim preciso fazer intervir a teoria enquanto crítica. [...] O método de que necessitamos deve então ser “histórico” (discursivo), e fazer apelo à “interdiscursividade”, trabalhando com os entremeios, os reflexos indiretos, os efeitos” (p. 55-56).

Orlandi (2007a) ainda delimita as diferentes formas de silêncio: 1) o silêncio fundante, que é a “possibilidade, para o sujeito, de trabalhar sua contradição constitutiva”, que significa o “não-dito” e que permite “recuos significantes” (p. 24); e 2) o silêncio de dimensão política, que se corresponde ao fato de que “[...] ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada. [...] um recorte entre o que se diz e o que não se diz [...]” (ORLANDI, 2007a [1992], p. 73).

O silenciamento desses sentidos “possíveis, mas indesejáveis”, subdivide a autora, pode ser a) constitutivo; ou b) local. O silêncio constitutivo diz respeito ao fato de que, para “[...] dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as ‘outras’ palavras) [...]” (ORLANDI, 2007a, p. 24). Essa necessidade se assenta na condição de incompletude da língua, que, para significar, deve se inscrever no repetível histórico (interdiscurso), na memória discursiva, por meio de uma filiação discursiva (e ideológica), e que torna um sentido possível (ORLANDI, 2007b). Por seu turno, o silêncio local (ou silenciamento) pode ser entendido como a efetiva interdição do dizer: a censura. Como um acontecimento discursivo, Orlandi (2007a, p. 76) considera que a censura funciona como “[...] interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas”, ou seja, “[...] proíbem-se certas palavras para se proibirem certos sentidos”.

Essas considerações sobre os silêncios local e constitutivo (política do silêncio) ao mesmo tempo em que alargam a noção de silenciamento, compreendendo-o também como uma condição do dizer (silêncio constitutivo), reforça o efeito da interdição do dizer sobre a

identidade do sujeito, tendo em vista que: “Como, no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos ‘lugares’, ou melhor, proibem-se certas ‘posições do sujeito’”. (ORLANDI, 2007a, p. 76).

A consideração dessa política do silêncio em suas duas dimensões – constitutiva e local – são condutoras deste trabalho de interpretação, que se realiza em cima das “pistas” deixadas pela materialidade significativa não-verbal do silêncio.

3. As mulheres de @reliquia.rum

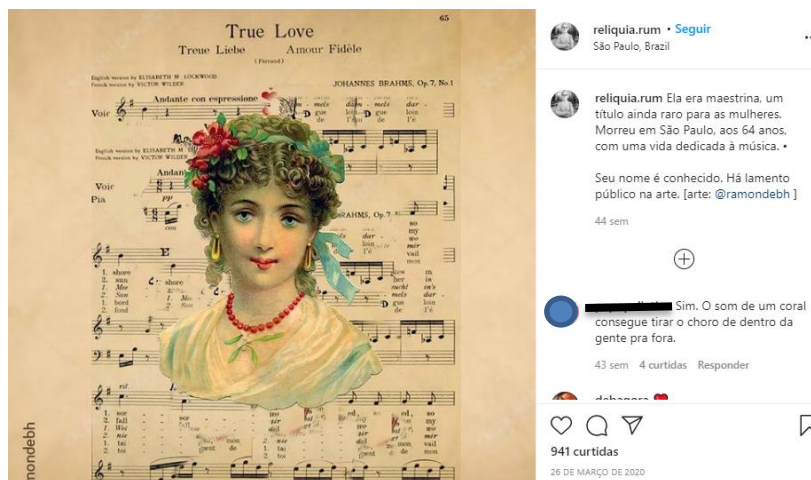
É possível afirmar que as mulheres – e umas mais do que outras – possuem uma condição específica na nossa sociedade, como sujeitos historicamente cerceados na sua constituição como tais, e que têm uma memória de séculos ligada à esfera da reprodução da vida e do âmbito privado.

Efeitos dessa história também produzem os sentidos do silenciamento feminino, a impossibilidade de a maioria das mulheres a ocuparem certos espaços – físicos e discursivos. Como afirma Orlandi (2007a, p. 76) sobre o silêncio local: “Como, no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos ‘lugares’, ou melhor, proibem-se certas ‘posições do sujeito’”. (2007, p. 76). Ainda que o trabalho de Orlandi (2007a) pense o silêncio local pela via de um regime autoritário, considero possível abranger a ordem do silenciamento para a condição feminina, sobretudo a partir dos sentidos que @reliquia.rum evocou em seus textos e nas respostas a eles nos comentários. Para Orlandi (2007a), na censura, como o sujeito “[...] só pode ocupar o “lugar” que lhe é destinado, para produzir os sentidos que não lhe são proibidos. A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito.” (p. 79).

A questão da identidade do sujeito vem associada à necessidade de um *nome*, sem o qual seu estatuto fica relegado ao de objeto, despossuído de sua subjetividade, de sua diferença. Como observou-se na publicação de 23 de março de 2020, a identidade de Cleonice Gonçalves foi suprimida das divulgações de sua morte. Nos comentários da publicação de Diniz, lê-se a pergunta de uma usuária: “Qual é o nome dela? Queremos saber!”. Ter acesso ao nome tem uma dimensão política, e relativa a um coletivo, a um “nós” (“queremos”). Na maioria das publicações, Diniz reforça a ausência de informações sobre a mulheres mortas, sobretudo às não concernem possíveis causas da doença (idade, comorbidades, etc). Em publicação de 11 de outubro de 2020, coloca: “Pareço que repito a notícia. Ela morreu, outros homens morreram. Sobre ela? Só que não tinha doenças. Nada mais. Há o cansaço da pandemia até mesmo na

economia das notícias” (RELIQUIA.RUM, n. p., 2020). Por outro lado, na publicação de 26 de março de 2020, Diniz homenageou uma mulher conhecida pelo público – e seu gesto de manter o anonimato se manteve:

Figura 2 – Publicação de 26 de março de 2020



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/B-NdAflhvkP/>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

No gesto da autora, a homenageada é apresentada como uma maestrina e reforça: “Um título ainda raro para as mulheres”. Finaliza com as observações: “Seu nome é conhecido. Há lamento público na arte”. Com isso, a proposta da página de falar de “gente comum” se desencontra. Entretanto, há aqui uma preservação do anonimato da maestrina, e a pontuação de que seu nome é “conhecido” (e não anônimo) e de que há um “lamento público” (e não privado) trabalham no sítio dos sentidos em que a página trabalha, do íntimo e do político, atentando à desigualdade de gênero. Apesar do anonimato da postagem, o nome da maestrina foi apontado por algumas usuárias que interagiram com ela, e o perfil de Instagram da homenageada foi também marcado em um deles: “@naomi.munakata.37 descanse em paz”.

A necessidade de um nome se repete em outras postagens, como a de 8 de abril de 2020:

Figura 3 – Publicação de 8 de abril de 2020



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/B-uSp7ml6pW/>>. Acesso em 25 jan. 2021.

Às mulheres ficou legado o trabalho doméstico em várias das suas instâncias: gerenciamento do lar, educação dos filhos, cuidado afetivo e sexual do marido, dentre outras atribuições que também possuem suas especificidades de acordo com classe e raça. Isso atualmente vem sendo chamado por teóricas marxistas femininas de reprodução social, que, em oposição à esfera da produção de bens e serviços (voltadas à mão-de-obra masculina), trata-se de um trabalho não-remunerado e que tem efeitos na precariedade de trabalhos cuja mão-de-obra é majoritariamente feminina (considerados uma extensão do lar): serviço doméstico, enfermagem, magistério, etc.

Na publicação acima, há uma possibilidade de elo (feminino) que se dá a partir da ocupação da enfermagem (“Não se conheciam. Se juntaram no cuidado da pandemia”). Em lugares distintos do Brasil, de diferentes faixas etárias, as duas homenageadas são ligadas pelo trabalho do cuidado em saúde, acometido massivamente pela pandemia, que expôs essas mulheres ainda mais à contaminação do vírus. O gesto da autora manteve o anonimato na publicação, o que gerou questionamento de uma usuária: “Não vai botar os nomes? Pq se está botando idade, profissão, lugar...”. Quando outra usuária pergunta o porquê de colocar os nomes, a primeira respondeu: “para evitar um registro estetizante que apaga a visibilidade dos historicamente invisibilizados nesse país e do quanto a desigualdade atravessa a produção dessas mortes”.

Perceber o gesto de Diniz como um “registro estetizante” denota que o silêncio em torno dos nomes, mesmo que tenha uma intenção, tem um efeito de silenciamento (“apagar a visibilidade dos historicamente invisibilizados”). O silêncio local, a invisibilidade, o apagamento, dentre outros fatos ligados à subalternização dos sujeitos, possuem uma memória que é interpelada pelos autores da página. Ao mesmo tempo em que, por questões éticas, oculta-

se o nome em notícias e obituários, a divulgação das mortes na pandemia é heterogênea – por vezes prioriza pessoas influentes (quem tem direito ao nome?) ou casos específicos.

A condição da linguagem, como considera a análise de discurso, é a incompletude, o que tornam o dizer e o silenciar ações mobilizadas conjuntamente, consistindo no silêncio constitutivo. A ausência de informações (que não dizem respeito à doença) sobre as vítimas nas notas de falecimentos, nas notícias, dentre outras formas de divulgação é um silenciamento de ordem constitutiva, pois evita sentidos que não condizem com a veiculação da notícia por morte de COVID-19. Por outro lado, há ainda uma historicidade relativa à interdição do dizer e à ocupação de determinados lugares quando se trata de mulheres, correspondendo ao silêncio local. Pelos gestos das publicações de @reliquia.rum, e pelos efeitos verificáveis principalmente pelos comentários, os sentidos desses silenciamentos se cruzaram: o que, no silenciamento necessário do nome, é um silenciamento da sua condição de sujeito?

4. Considerações finais

A intenção deste trabalho foi realizar um trajeto entre a página @reliquia.rum, sua autoria na elaboração de colagens e textos-descrição sobre mulheres mortas na pandemia do Sars-CoV-2, as elaborações de Eni Orlandi (2007b) sobre o silêncio e o silenciamento, e a própria possibilidade de interpretação dos efeitos do silêncio dessas postagens. A partir do questionamento do por que a página homenageia mulheres, foi possível apreender que a autora realizou um recorte de gênero para mobilizar sentidos de invisibilidade e visibilidade, íntimo e político, público e privado, desigualdade social: sentidos que se cruzam com aqueles trazidos pela pandemia e pela situação de vulnerabilidade social a que estamos submetidos. As colagens, por sua vez, conferem uma representação artístico-poética (não automatizada) da mulher homenageada. Arte que se utiliza de imagens já existentes, criando um elo entre as mulheres do hoje e do ontem.

Quanto ao silêncio das postagens, foi possível apreender um gesto de localizar essas mulheres homenageadas naquilo que as remete a um coletivo historicamente subalternizado (“Deixou em nós a cicatriz do que faz a herança colonial neste país”, “título ainda raro para mulheres”, “Se juntaram no cuidado”).

O silenciamento é um dos fatores da subalternização da mulher, que cerceou (e cerceia) sua presença em determinados lugares – físicos e discursivos –, e que afetou (e afeta) sua identidade. O silêncio constitutivo das notícias, obituários, dentre outras divulgações das vítimas da COVID-19, quando se trata de mulheres, produz sentidos que convocaram a memória de um

silenciamento de outra ordem, o local (censura), cruzando os sentidos desses silenciamentos. Esse recorte de gênero proposto por Diniz, conduzido pela interpelação do silenciamento, propõe um elo entre as mulheres do ontem – as das colagens-relicários, que representam um período da História em que os direitos da mulher eram quase inexistentes – e do hoje – a dos textos, que foram vitimadas pelo COVID-19 e que se tornam números, estatísticas, tendo traços da sua subjetividade omitidos. Por meio de um gesto que possibilita a leitura do corpo feminino como algo historicamente marcado pelo silenciamento, os autores, apontam o político que atravessa a vida das mulheres vitimadas pelo COVID-19 e das antepassadas. Os sentidos dessa abordagem, como o requerimento pelos nomes (“Qual é o nome dela? Queremos saber!”, “Não vai botar os nomes?”, “registro estetizante que apaga a visibilidade dos historicamente invisibilizados”), dão pistas da polissemia do silêncio, de seus sentidos deslizantes (não óbvios).

Referências

MELO, M. L. de. Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon, *UOL*, Rio de Janeiro, 19 mar. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007a.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas, Pontes, 2007b.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: F, GADET; T. HAK (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a. p. 59-158.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

RELIQUIA.RUM. *A morte se aproxima pela profissão*. Brasil. 8 abr. 2020. Instagram: @reliquia.rum. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-uSp7ml6pW/>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RELIQUIA.RUM. *A primeira mulher a morrer no Rio de Janeiro é sem nome*. Rio de Janeiro. Instagram: @reliquia.rum. 23 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-GACxAB0EY/>>. Acesso em: 7 out. 2020.

RELIQUIA.RUM. *Ela era maestrina, um título ainda raro para as mulheres*. São Paulo. 26 mar. 2020. Instagram: @reliquia.rum. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-NdAfIhvkP/>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RELIQUIA.RUM. *O luto é uma experiência íntima, mas também pública*. Brasil. 23 mar. 2020. Instagram: @reliquia.rum. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-GBh8KhwJQ/>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RELIQUIA.RUM. *Parece que repito a notícia*. Brasil. 11 out. 2020. Uberaba. Instagram: @reliquia.rum. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CGOMhzFnFfB/>>. Acesso em: 20 dez. 2020.